

GONÇALO FERREIRA DA SILVA

**A BRIGA DE JOÃO
MALUCO NO LARGO
DO BOIADEIRO**



A BRIGA DE JOÃO MALUÇO NO LARGO DO BOIADEIRO

Gonçalo Ferreira ma Silva

Certo dia João Maluco sem querer perder a linha resolveu beber uns tragos com um colega que tinha no Largo do Boiaheiro no coração da Rocinha.

Normalmente João Maluco nos fins de semana ia à feira dos nordestinos para escutar cantoria mas a feira, quase sempre findava em pancadria.

João Maluco achava briga nos mais diversos lugares, na obra onde trabalhava, nas lanchonetes e bares por isto é que nesse dia resolveu mudar de ares .

Antes de entrar na favela bebeu uns tragos primeiro e logo um desconhecido se fez de seu companheiro e foi com o novo amigo ao Largo do Boiaheiro.

No Largo do Boiadeiro
havia um jogo de dados
e apreciando os lances
tinha alguns desocupados
nos batentes das birascas,
outros bebiam sentados.

Vendo que os jogadores
não ganhavam nem um lance,
João Maluco analisando
que também não tinha chance
pensou: — Se eu entrar nesta
o certo é que eu também dance.

Tristonho com a mão no queixo
como quem curte uma fossa
raciocinou consigo
“Isto é ladruagem grossa”
e entrou num bar, pedindo
uma caninha da roça.

Quando foi bebendo o trago,
por pintura ou por mandinga,
com palavras cabeludos
vem um sujeito e o xinga
e diz: — Sem a minha ordem
você não bebe esta pinga.

Maluco parou o braço
no ar só para dizer:
— Meu amigo se quer briga
pois é briga que vai ter,
no mundo não há quem possa
me proibir de beber.

Os jogadores de dados
pararam de respirar,
o próprio dono da banca
parou o bozó no ar
ninguém mais quis falar nada
nem mesmo o dono do bar.

Disse o crioulo exigindo
o seu arrogante porte:
— Só por você ter trazido
seus maus costumes do norte
escreveu com os próprios punhos
sua sentença de morte.

Nisto, numa área baldia
tinha grande multidão
de torcedores gritando
e naquela direção
foi João saber o motivo
de tão grande animação.

Lá encontrou os que folgam
todos os dias da semana
disputando uma pelada
com uma cabeça humana
fazendo até gol de letra
com a caixa craniana.

João Maluco vendo o povo
alegre e descontraído,
conhecendo o ambiente
em que estava metido
não participou do jogo
porque não foi escolhido.

Alguém disse: – Paraíba
o jogo está animado
por que não mostra que é craque
entrando de qualquer lado?
João Maluco respondeu:
– Porque não fui convidado.

– Seguinte – disse o sujeito –
com o tom de decisão.
– A Rocinha é minha área
e aqui nesta nação
o cabra estranho só entra
com minha autorização.

João Maluco respondeu:

– Pelo aviso, obrigado,
se me considera estranho,
se não me faz convidado
para entrar na Rocinha
já me sinto autorizado.

– Meu nome é Fogo Cerrado –
apresentou-se o sujeito.
O meu é João Maluco
porém eu tenho um defeito
que apesar de maluco
gosto de tudo bem feito.

– Está bem, João Maluco –
respondeu Fogo Cerrado,
apesar de ser maluco
não gosto de nada errado,
vou lhe mostrar a Rocinha,
você é meu convidado.

A cabeça de um bandido
duma quadrilha rival
estava sendo mostrada
à população local
aglomerada no centro
da pracinha principal.

Mas João Maluco prestava
em tudo muita atenção,
se acaso Fogo Cerrado
fizesse uma traição
ele o mataria sem
qualquer consideração.

O crioulo com quem antes
Maluco tinha brigado
era dono de um ponto
de vício ali instalado,
um perigoso bandido
rival de Fogo Cerrado.

Quando João Maluco soube
que aqueles dois bandidos
eram rivais, disse logo:
— Pelos crimes cometidos
quero que daqui pra frente
vocês sejam muito unidos.

Mandou que os dois bandidos
dessem um aperto de mão
e deu em cada uma surra
dizendo pra multidão:
— Daqui pra frente eu não quero
falar de desunião.

A surra foi aplicada
com canseção e urtiga
era uma ferida viva
do crioulo a barriga
que disse: — Se escapar vivo
eu nunca mais falo em briga

Fogo Cerrado também
dizia aos gritos e ais:
— Uma surra como esta
nunca peguei dos meus pais
enquanto vivo estiver
eu juro não brigar mais.

A colônia cearense,
da Bahia a pernambuco,
meninas, meninos, homens,
mulheres e até caduco
soltavam fogos e davam
parabéns a João Maluco.

Até a comunidade
duma favela vizinha
mandou o seu presidente
que encarregado vinha
para eleger João Maluco
o protetor da Rocinha.

O governador mandou
o seu secretário
ao Largo do Boiadeiro
mais do que credenciado
para dar a João Maluco
o cargo de delegado.

Porém João Maluco disse:
— Senhores, agradecido,
não quero ser delegado
e muito menos bandido,
quero proteger o povo
quando sentir-se ofendido.

Nesta terra o homem honrado
vive sempre perseguido;
se apoia o criminoso
tem que viver foragido,
se apoia a autoridade
é morto pelo bandido.

9249

**ACADEMIA BRASILEIRA
DE LITERATURA DE
CORDEL**

**MARCO DEFINITIVO
NA HISTÓRIA DA
NOSSA CULTURA
POPULAR**